



A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO SABER: AVENTURAS PELA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS¹

LA CONSTRUCTION QUOTIDIENNE DES CONNAISSANCES : AVENTURES A TRAVERS L'HISTOIRE DES IDEES LINGUISTIQUES

Ana Cláudia Fernandes Ferreira²

Resumo: Para pensar a construção cotidiana do saber na história das ideias linguísticas, assumo a posição ética e política de quem faz história se reconhecendo como parte dela. Traço, assim, um percurso que começa por uma *viagem pessoal pelo saber*, durante minha infância, adolescência e idade adulta, passando pelo início de minha aventura de formação *diante e dentro da linguagem* na Unicamp, chegando a novas aventuras de reflexão linguística empreendidas em outros espaços institucionais, e retornando à Unicamp, num recomeço com novos desafios teórico-analíticos sobre a relação/divisão dos saberes, dos sentidos, dos espaços, dos sujeitos e das línguas, considerada a partir de uma perspectiva discursiva da história das ideias linguísticas.

Palavras-chave: História das ideias linguísticas; saberes; saberes linguísticos.

Résumé: Pour penser la construction quotidienne du savoir dans l'histoire des idées linguistiques, j'assume la position éthique et politique de celui qui fait l'histoire en se reconnaissant comme faisant partie de celle-ci. Je trace ainsi un parcours qui commence par *un voyage personnel à travers le savoir*, pendant mon enfance, mon adolescence et ma vie adulte, passant par le début de ma formation *devant et dans le langage* à l'Unicamp, arrivant à de nouvelles aventures de réflexion linguistique dans d'autres espaces institutionnels et en retournant à l'Unicamp, avec de nouvelles entreprises théorico-analytiques sur la relation/division des savoirs, des sens, des espaces, des sujets et des langues, prise dans une perspective discursive de l'histoire des idées linguistiques.

Mots-clés : Histoire des idées linguistiques ; savoirs ; savoirs linguistiques.

INTRODUÇÃO: O TEMPO DAS HISTÓRIAS

Algo na narração escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber (...). Mas essa arte da narração joga seu outro com a “descrição” historiográfica e lhe modifica a lei sem a substituir por uma outra. (...). Ela finge eclipsar por trás da erudição ou das taxonomias que, no entanto, manipula. Dançarina disfarçada de arquivista. O riso de Nietzsche atravessa o texto do historiador.

(Michel de Certeau, em *Le temps des histoires, em L'invention du quotidien*)³

¹ O dossiê comemorativo da *Cadernos de Estudos Linguísticos* me instigou a querer publicar este percurso singular de reflexão na História das Ideias Linguísticas, que foi elaborado a partir de meu Memorial de Concurso na área e de meu último relatório de atividades docentes.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1411-6878>

³ A tradução para o português é minha.

Inúmeras são as formas de olhar para trás e contar histórias, interpretar acontecimentos significativos, reuni-los e construir um percurso. Fios de acontecimentos que só podem ser reunidos a partir de uma perspectiva construída no hoje, com as palavras de hoje – impossível não dizer com as palavras de hoje – e que, no entanto, permitem, a cada vez, compreender algo diferente do ontem que nos constitui.

As histórias têm um tempo que não é apenas o da descrição ou o de uma cronologia, e mesmo uma descrição ou uma cronologia não existem sem histórias narradas em outros lugares. Assumo aqui a posição ética e política de quem faz história das ideias linguísticas se reconhecendo como parte dela.

As histórias que aqui se desenham têm a forma de *uma viagem pessoal, uma aventura pelo saber, diante e dentro da linguagem*, de meu encontro e meus percursos na história das ideias linguísticas. Elas estão divididas em seis tempos, além da presente introdução. Na primeira parte, falo dos primórdios de minha *viagem pessoal pelo saber*, durante minha infância, adolescência e idade adulta, em Barão Geraldo, bem pertinho da Unicamp. Na segunda parte, começo a contar uma aventura *diante e dentro da linguagem* quando de minha formação em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Unicamp. Na terceira parte, meu trajeto se volta para novas aventuras de reflexão linguística empreendidas em outros espaços institucionais, que incluem minha estreia na docência. Na quarta parte, rememoro a experiência particular que vivenciei ao prestar o concurso público para a área de história das ideias linguísticas e, na quinta parte, conto um pouco sobre os sentidos de uma data, quando da expectativa da publicação de minha nomeação como docente dessa área. Na sexta parte, falo sobre meus recomeços no IEL e dos trajetos de pesquisa que me levaram a tomar *a construção cotidiana do saber* como objeto de estudo na história das ideias linguísticas, com novos desafios teórico-analíticos. Por último, tendo buscado, *pela linguagem, trazer de volta o que desapareceu e fazer ver o que ainda não existe*, traço algumas considerações finais sobre o tempo/movimento das histórias aqui contadas.

PRIMÓRDIOS DE UMA VIAGEM PESSOAL

O cosmo é tudo o que é, ou foi, ou será. A nossa contemplação do cosmo mexe conosco. Dá um calafrio na espinha, um bolo na voz, uma sensação de desmaio, como uma lembrança distante de cair de uma grande altura. (...) Nós vamos explorar o cosmo em uma nave da imaginação, totalmente livre dos limites comuns de velocidade e tamanho. Levada pela música das harmonias cósmicas, ela pode nos levar a qualquer lugar do espaço e do tempo. Perfeita, como um floco de neve, orgânica, como uma semente de dente-de-leão, ela vai nos levar a mundos de sonhos e mundos de fatos. Venha comigo.

(Carl Sagan, em *Cosmos: uma viagem pessoal*)

Nasci em Campinas, de uma família formada de sinhozinhos, escravizados e imigrantes, bem misturada, bem simples, bem complicada, bem brasileira. No final da década de 1970, quando eu tinha por volta de quatro anos de idade, meus pais se mudaram para o Distrito de Barão Geraldo. À época, meu pai era autônomo e conseguia uma boa renda vendendo doces em escolas e na periferia da cidade, o que era suficiente para o sustento da família. Minha mãe cuidava de mim, dos meus dois irmãos e da casa. Já faz um tempo, ela me contou que um dos motivos da mudança para Barão foi que eu e meus irmãos estaríamos perto da Unicamp, onde poderíamos estudar no futuro. O que foi uma revelação para mim, pois, nas minhas lembranças, guardava apenas as certezas do meu pai de que era inútil fazer universidade. Ele sempre foi muito crítico das instituições (da

Escola, da Igreja, do Estado...), muitas vezes até demais. De certo modo, isso contribuiu para que eu me tornasse uma pessoa questionadora.

Exceto pelas críticas do meu pai, sempre ouvia maravilhas do que se fazia nas universidades. Com a Unicamp ali, eram frequentes as notícias no jornal sobre descobertas de pesquisadores, bem como as conversas dos vizinhos sobre os filhos que passavam no vestibular: *Você soube que o filho do Fulano passou na Unicamp? Que coisa maravilhosa! Ele é mesmo um menino muito inteligente e estudioso.* E assim foi se construindo para mim uma imagem da Unicamp como um lugar extraordinário, em que só entravam pessoas muito inteligentes. E isso era um pouco intimidador, pois sempre me via como mediana na escola, nunca estive entre os melhores ou entre os piores.

Na escola, eu ficava confusa com as regras da gramática: *Como guardar tantas regras e tantas exceções?* No entanto, gostava de ficar conjugando verbos e inventando conjugações que não existiam, apreciava jogos de linguagem, me divertia buscando palavras desconhecidas ou engraçadas nos dicionários, adorava xeretar as genealogias das línguas nas enciclopédias, com aquelas árvores cheias de frutas/línguas!... E amava ler livros, ler histórias, ouvir histórias...

Eu tinha um encantamento pelo mundo a ser explorado, pelas coisas novas que poderia conhecer – como qualquer criança, acredito. Nos finais de semana, acordava bem cedo para assistir aos episódios da série *Cosmos*, idealizada e apresentada pelo astrofísico Carl Sagan. Meu irmão mais novo era companheiro inseparável dessas jornadas pelo Universo. Quando eu ia brincar na rua, vivia imaginando aventuras com as novidades que tinha conhecido: construía casas e castelos de areia na frente de casa quando o asfalto e as calçadas de andorinhas ainda não tinham chegado; depois que chegaram, desenhava foguetes no asfalto, com pedaços de tijolo quebrado, para viajar e conhecer diversos planetas; fazia expedições pelos vários cantos do bairro com os amigos da rua e, inúmeras vezes, atravessávamos a Unicamp para chegar ao Rio Negro: local mágico – que hoje resolveram chamar de Parque Ecológico –, com seu chão cheio de pedrinhas brilhantes e de diferentes cores para caçar... pedras de quartzo que eu fingia serem preciosas...

Tempos depois, quando já estava no ginásio na E.E.P.S.G. “Barão Geraldo de Rezende”, pude participar, com a professora de Educação Artística e meus colegas de turma, da Universidade Aberta promovida pela Unicamp. Fomos visitar o Instituto de Artes e assistimos a peças dos alunos do curso de Teatro. Fiquei maravilhada, encantada. *A universidade também formava artistas?!!* Quando terminei o terceiro colegial na então E.E.P.S.G. “Aníbal de Freitas”, em 1990, decidi fazer cursinho e depois prestar vestibular para Artes Cênicas. Prestei vestibular na Unicamp e na USP. No vestibular da Unicamp, acabei fugindo ao tema na redação. No vestibular da USP, não pude fazer a prova de aptidão, meu pai não me deixou ir. Foi tão difícil e frustrante que desisti, concluindo que a universidade não era para mim. Então resolvi trabalhar. Fui para a *escola da vida*.

Escola da vida era uma expressão inquietante e poderosa, libertadora e opressora, meio-verdadeira e meio-falsa; ela permitia novas existências, limitava possibilidades, era uma forma de denúncia e de encobrimento da denúncia. Ela significava. *Eu sabia o que era, mas não sabia que sabia.* Sua existência significava em mim, profundamente, mesmo sem palavras que pudessem defini-la: *difícil dizer/saber o que era.*

Mas o mundo, além de uma escola da vida, é também uma roda viva. Em 1992, meu pai obteve a concessão do ponto da Cantina do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH da Unicamp e me chamou para trabalhar com ele. Trabalhei na cantina até 1998, numa experiência enriquecedora e dolorida, mas também esperançosa. Entre o medo de não conseguir mudar minha rotina de trabalho e a esperança de fazer/conhecer coisas novas, tomei uma decisão: estudar inglês e fazer um estágio na Inglaterra. Minha

mãe nunca deixou de me incentivar, mas não imaginava ver a filha longe. Ela sugeriu então outra possibilidade: *Por que você não presta vestibular de novo, Cláu? Se você não conseguir passar, no ano que vem você faz cursinho e presta novamente.* Fiquei meio apreensiva, mas acabei comprando o manual do aluno do vestibular da Unicamp e comecei a ler sobre os cursos.

Já não me lembro muito bem da apresentação do Bacharelado em Linguística do manual, mas lembro que ela me tocou: *Eu poderia ser uma espécie de Indiana Jones das línguas! Eu saberia, de verdade, a genealogia das línguas, eu descobriria como as línguas mudam e se diferenciam!* Naquele momento, notei que o sentimento de aventura que eu havia precisado ignorar continuava em mim.

E continuou. No início de 1999, quando saiu o resultado do vestibular, eu estava na cantina. Foi uma alegria enorme: *Passei!* Minha mãe, radiante e sem nenhuma hesitação, respondeu: *Eu já sabia.* Ela e meus irmãos ficaram tão orgulhosos! E meu pai também... ele não se conteve de felicidade e fez questão de anunciar a todos os fregueses que chegavam à cantina: *A minha filha passou no vestibular da Unicamp!*

AVENTURA DIANTE E DENTRO DA LINGUAGEM: DA LINGUÍSTICA À HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Aventura de um sentimento diante e dentro da linguagem. De cuja estória eu sou também personagem.

(Carlos Vogt, em *O Intervalo semântico*)

Então, em 1999, a sensação que eu tinha era a de que a minha vida tinha dado um giro imenso, que abria para um horizonte de novas possibilidades e para novas viagens pelo conhecimento, agora a partir da linguística. Durante todo o período de graduação, mestrado e doutorado eu me sentida enlevada com o simples fato de estar sentada na cadeira de uma sala de aula, de um curso como o de Linguística, em um instituto como o IEL, em uma universidade como a Unicamp. Eu estava ali e podia ouvir meus professores falarem sobre coisas que eu nunca tinha ouvido falar na vida, coisas que não pareciam ter nenhuma relação prática imediata com a vida que eu havia vivido até então e com a vida das pessoas que eu conhecia, coisas que o meu mundo de fora da universidade desconhecia, mas que eram tão importantes! E isso me emocionava demais.

Um mundo que eu nem imaginava que pudesse existir se abriu para mim pelos professores do IEL. Todos apaixonados pelas áreas em que tinham se formado e atuavam. Fiquei encantada com as disciplinas ministradas pelos meus professores e mergulhei na aparente inutilidade prática de cada uma delas, mesmo que eu não me identificasse com algumas teorias e/ou que não entendesse muito bem várias delas. Eu queria aproveitar tudo o que a universidade me oferecia e conhecer tudo o que eu pudesse conhecer!

Ao final do primeiro semestre da graduação, já me via transformada pelas experiências na sala de aula. Aprendi, e isso foi um grande alívio, que a língua é muito mais do que uma gramática. Percebi que poderia ir adiante com o meu dialeto caipira se eu assim desejasse e decidi assumir orgulhosamente o meu *r* retroflexo. A cada disciplina, algo me virava pelo avesso. Me deparei com uma forma instigante e envolvente de ler literatura para muito além de uma narrativa linear... Comecei a compreender, nas aulas de diversas disciplinas do curso, que eu não tinha a liberdade que imaginava ter, já que vivia, inescapavelmente, em um modo de organização histórico-social que me interpelava o tempo todo. Passei a me inquietar com as condições históricas de produção do conhecimento e entendi que a história não é uma listagem de dados e fatos cronológicos...

Esse percurso não foi fácil, mas me instigou e me levou a perceber o quão necessária era a construção de uma erudição mínima no domínio dos estudos da linguagem e em suas áreas afins. E que a construção dessa erudição se dava a partir das aulas, das diversas atividades acadêmicas, e de muita leitura e pesquisa.

Havia um longo caminho pela frente. *Vamos lá, Ana Cláudia!* Além das aulas, leituras e ideias de projetos, comecei a participar, desde o primeiro ano de graduação, de diversas atividades acadêmicas oferecidas pela universidade e por outras instituições, brasileiras e estrangeiras, que contribuíram de modo importante para o avanço de minhas pesquisas.

Nos primeiros anos na graduação, tive a oportunidade de assistir a várias Jornadas de História das Ideias Linguísticas, realizadas pelo Programa Internacional História das Ideias Linguísticas – Ética e Política das Línguas, sob a coordenação de Eni Orlandi e Diana Luz Pessoa de Barros no Brasil, e de Sylvain Auroux na França, e que contavam com o apoio do acordo Capes/Cofecub. Para uma aluna que estava no começo de sua viagem universitária, não era fácil acompanhar as reflexões teóricas e as compreensões analíticas dos palestrantes. A cada apresentação, surgiam dúvidas, inquietações e maravilhamentos, o que me fazia querer saber mais e mais. Além disso, para mim, era um acontecimento observar os rituais institucionais de abertura dos eventos, acompanhar as apresentações e depois apreciar os debates. E lembro, com carinho, que, quando o convidado a falar era francês, a profa. Eni Orlandi perguntava à plateia se seria necessário traduzir sua fala. Eu levantava a mão todas as vezes. Aconteceu algumas vezes de eu ser a única a levantar a mão, mas a tradução era feita mesmo assim.

Ao lado disso, também assisti a muitos encontros igualmente emocionantes sobre Saber Urbano e Linguagem, organizados pelo Laboratório de Estudos Urbanos e pelo IEL da Unicamp. Participei, ainda como ouvinte, de edições do Seminário de Teses em Andamento – SETA, organizado pelos alunos de pós-graduação do IEL/Unicamp, e de um Seminário em Semântica Argumentativa muito esperado, também organizado pelo IEL/Unicamp. Por meio desses eventos, pude ir conhecendo, fascinada, um pouco dos trabalhos de tantos outros pesquisadores de peso, com suas pesquisas nos estudos da linguagem e, notadamente, em semântica, análise de discurso e história das ideias linguísticas.

No início de 2000, tive a feliz oportunidade de assistir à cerimônia de entrega do título de Honoris Causa ao professor Fausto Castilho no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/Unicamp. Como foi bonito e emocionante ouvir as histórias do prof. Fausto, de sua formação, da ida para a Faculdade de Araraquara, da constituição do IFCH na Unicamp, da proposta da linguística no IFCH... Também foi bonito demais ouvir dos convidados para a solenidade – dentre eles Luiz Orlandi e Carlos Vogt – tantas outras histórias de aventuras e desventuras vividas com seu mestre.

Em 2002, participei como monitora voluntária dos trabalhos de apoio à *IX International Conference on the History of Language Sciences – ICHoLS*, promovida e realizada pela USP e pela Unicamp. Lembro que fiquei encarregada de entregar certificados aos participantes de uma mesa coordenada por uma pesquisadora francesa. Percebendo meu semblante assustado por não saber francês, a profa. Francine Mazière, falando comigo muito gentilmente com a ajuda de olhares e gestos, conseguiu me tranquilizar e orientar as minhas humildes atividades de monitoria. Depois, já no final do doutorado, pude, eu mesma, apresentar um trabalho na ICHoLS, em Potsdam, na Alemanha, em um francês bem treinado, já menos tímida, com grande alegria e satisfação.

Paralelamente à atividade de participação em eventos científicos, iniciada nos primeiros anos da graduação, vinha o desejo de realizar uma iniciação científica. As disciplinas de Introdução aos Estudos da Linguagem, Linguagem e Investigação em Ciências Humanas e História das Ideias Linguísticas do Bacharelado em Linguística abriam uma gama enorme de possibilidades de pesquisa, mas ainda sem um contorno

definido. Várias questões me instigavam. Uma delas tinha a ver com a mudança de sentidos das palavras na história e com a própria maneira de considerar o que é história. Foi por onde eu comecei.

Procurei o professor Eduardo Guimarães e expus a ele meus interesses, ainda bem gerais e indefinidos. Após várias conversas sobre possibilidades de pesquisa, decidi investir na história dos estudos da significação, considerando a questão da nomeação desses campos de estudo. Enfrentei, por um ano ou mais, uma situação penosa – porque até então nunca experimentada – da leitura cuidadosa da bibliografia teórica indicada, da escrita de resenhas e da escrita de um projeto de iniciação científica. Mas consegui e o resultado foi o projeto *História dos estudos sobre a enunciação no Brasil*, que teve apoio da Fapesp.

A experiência da iniciação científica foi decisiva para os passos posteriores de minha formação como pesquisadora. No último ano da graduação, em 2002, quando pensava em um tema para meu projeto de mestrado, decidi me deter na história da semântica, com um trabalho que chamei inicialmente de *O pensamento de Oswald Ducrot no Brasil nas décadas de 1970 e 1980*. Mencionei essa ideia para o professor Eduardo e expliquei que, caso eu passasse no processo de seleção, não poderia mais ser orientada por ele, já que os trabalhos dele fariam parte do objeto de minha pesquisa. Ele entendeu os critérios do meu recorte e concordou que eu realmente teria que realizar o mestrado com outro orientador, sem deixar escapar a oportunidade de fazer um comentário que muito me intrigou, e que dizia mais ou menos o seguinte: *Veja bem, isto é uma coisa extremamente interessante. Mas... Se você procurar pelo nome semântica argumentativa no texto “As escalas argumentativas” do Ducrot, você vai ver que esse nome não está lá.*⁴ A primeira coisa que fiz depois disso foi pegar o referido texto de Oswald Ducrot e examiná-lo de cabo a rabo para verificar se o nome *semântica argumentativa* não estava mesmo lá. Não estava... A segunda coisa foi perguntar: *Por que eu pensei que esse nome estaria lá? E, como não está lá, onde é que ele aparece pela primeira vez?* E encontrei, na tese de Carlos Vogt, *O Intervalo Semântico. Contribuição para uma Semântica Argumentativa*, defendida em 1974⁵, sob orientação de Oswald Ducrot, a expressão *semântica argumentativa*, que logo depois se tornou disciplina e um nome.

Naquele momento, compreendi como era necessário que eu me colocasse na posição de fazer uma história do ponto de vista da descolonização linguística e científica, tema muito caro que eu vinha acompanhando nas jornadas de História das Ideias Linguísticas. Como dizia a profa. Eni Orlandi, era necessário pensar a constituição dos saberes linguísticos no Brasil a partir de uma perspectiva que mostrasse que o que se faz aqui não é mera “recepção” do que se produz no exterior. Era preciso descolonizar o modo de fazer ciência e de falar de ciência, dando visibilidade ao que se produz aqui.

Isso fez com que minha ideia de mestrado tomasse outra direção, marcada já pelo título do projeto: *A Semântica Argumentativa no Brasil nas décadas de 1970 e 1980*. A proposta era estudar a configuração da semântica argumentativa nas produções de Carlos Vogt e de Eduardo Guimarães, pensando a filiação desses autores aos estudos de Oswald Ducrot, bem como os diálogos com outros autores, campos do conhecimento e as relações com instituições universitárias brasileiras.

Com muita alegria, o projeto foi aprovado na recém-criada área de concentração História das Ideias Linguísticas: fui a primeira pós-graduanda em Linguística pela nova área no IEL/Unicamp. Meu projeto também foi contemplado com uma bolsa de mestrado da Fapesp, possibilitando que, desde o início de minhas aventuras pela pós-graduação, eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa. Além disso, ainda tive a honra e a felicidade

⁴ Cf. Ducrot (1973).

⁵ Cf. Vogt (1974).

de ser a primeira orientanda da profa. Claudia Pfeiffer que, enquanto pesquisadora do Labeurb/Unicamp, havia acabado de obter seu credenciamento como docente na Pós-graduação junto ao IEL/Unicamp. Meu projeto foi acolhido com enorme entusiasmo pela Claudia, que acompanhou meus desafios, dúvidas, fracassos e sucessos, constitutivos da nova fase do percurso de formação acadêmica que eu começava a trilhar.

Do ponto de vista teórico-metodológico de pesquisadora em história das ideias linguísticas, fui me tornando analista de discurso, ao mesmo tempo em que pude conservar questões e procedimentos analíticos caros à semântica – que envolvem, por exemplo, o trabalho com as noções de *designação*, *argumentação*, *reescrituração*, dentre outras noções. Ao lado disso, o percurso de reflexão e análise pelas obras de autores da semântica que eu estudava propiciou um encontro com o rigor, o detalhe, o humor e a poesia, que me tocou: o rigor das pesquisas dos três autores, o humor presente nas descrições de Oswald Ducrot, o detalhe presente nos trabalhos de análise de Eduardo Guimarães e a poesia presente na escrita de Carlos Vogt muito me inspiraram e contribuíram, de certo modo, para o meu próprio modo de fazer pesquisa e de escrever.

Durante o mestrado, uma de minhas atividades rotineiras era a ida ao Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp – Siarq/Unicamp para pesquisar, na documentação conservada sobre a institucionalização da linguística no IFCH e no IEL dessa universidade, tudo o que estivesse relacionado à disciplinarização da semântica argumentativa. Uma vez por semana, eu ia ao Siarq para me perder nos projetos, cartas, atas, pareceres, recortes de jornais e uma série de outros documentos reunidos em calhamaços intimidadores. Ao folhear aqueles papéis, fui compreendendo um pouco da dimensão administrativa da criação de cursos, como o que eu fiz e aquele que eu estava fazendo: os cursos graduação e de pós-graduação em Linguística da Unicamp. Os papéis tinham muitas idas e vindas. Em meio a palavras formais, protocolos e silêncios contidos num mundo de documentos, havia algo fascinante e de uma beleza que me comovia: vestígios de discursividades estranhas sobre o que significava/significa *linguística*. Lá estava o tema de meu projeto de doutorado.

Propus, em meu doutorado, estudar os sentidos de *linguística* no processo de institucionalização da linguística na Unicamp a partir desses documentos de arquivo. O objetivo era investigar, nesses documentos, os movimentos de sentidos do nome *linguística* ao lado de outros nomes dos estudos da linguagem.

Ingressei no doutorado em 2005 com toda a assistência material e financeira necessária para a realização da pesquisa: iniciei com bolsa do CNPq e, logo depois, com bolsa da Fapesp. Ao lado disso, pude fazer um período de estágio sanduíche na então École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines – ENS-LSH de Lyon, entre outubro de 2006 a julho de 2007, sob orientação de Sylvain Auroux. O estágio foi financiado pelo projeto *História das Ideias Linguísticas - O Controle Político da Representação: Uma História das Ideias*, do acordo Capes/Cofecub, coordenado no Brasil por Eduardo Guimarães e na França por Jean-Claude Zancarini.

Em minha tese de doutorado, defendida em 2009⁶, me voltei sobre as condições de produção da institucionalização da linguística no IFCH da Unicamp, como sustentadas por dois discursos fundadores – *A linguística é a ciência da linguagem* e *A linguística é a ciência-piloto das ciências humanas*. E busquei compreender como tais discursos fundadores faziam funcionar os argumentos da cientificidade e da interdisciplinaridade, presentes em quase todos os projetos de criação dos cursos de linguística na universidade. Ao mesmo tempo, pude mostrar como, através desses discursos fundadores, a linguística pôde se constituir inicialmente, nessa universidade, junto às Ciências Humanas e não

⁶ Cf. Ferreira (2009). A tese foi publicada em forma de livro em Ferreira (2013a) e teve uma segunda edição revisada em Ferreira (2020a).

junto às Letras, além de mostrar como essa configuração inicial da linguística contribuiu, posteriormente, para o processo de discursivização de outros nomes dos estudos da linguagem no cenário brasileiro, bem como para a constituição de um instituto nomeado de Instituto de Estudos da Linguagem – IEL na Unicamp.

Durante meus dez anos de formação, como graduanda e pós-graduanda, vivi aventuras *mil diante e dentro da linguagem*. Terminado esse ciclo, chegou o momento de partir rumo a um futuro então desconhecido, que eu precisaria enfrentar, inventar e dar sentidos.

NOVAS AVENTURAS

Esse é o próprio do sujeito (sua itinerância), o próprio do sentido (o trabalho do equívoco), no próprio da língua, que é capaz de jogo.

(Eni Orlandi, em *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*)

O início de minhas atividades profissionais se deu no segundo semestre de 2009, quando fui convidada para atuar como professora substituta no curso de Letras da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. Aquele período me fez compreender outros sentidos de *universidade*, que atravessavam também outros sentidos de *sala de aula*, de *professor*, de *aluno*, de *saber*, de *língua*... Não foi fácil encontrar jeitos de encarar tantos atravessamentos de sentido. Foi desestabilizador. Mas muito importante.

Meses depois, fui convidada para compor o quadro de docentes do então Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, em Pouso Alegre – MG, sob a coordenação de Eni Orlandi. O curso tinha acabado de obter reconhecimento junto à Capes, o clima de novos desafios na Pós-graduação era bastante promissor e pude iniciar as minhas atividades na nova instituição em março de 2010.

Se, durante a minha formação na Unicamp, tive a oportunidade de estudar sobre a institucionalização de saberes sobre a linguagem na história da linguística, em minha nova fase, na Univás, tive a oportunidade de fazer parte de um investimento que contribuiu para essa institucionalização no sul de Minas, com a implantação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPGCL.

Na Univás é que comecei a fazer sentido *ser pesquisadora sendo professora e ser professora sendo pesquisadora*. E foi como professora e pesquisadora na área de concentração de Linguagem e Sociedade, e com alunos vindos das mais diferentes áreas (Letras, Pedagogia, Artes, Matemática, Contabilidade, Publicidade, Jornalismo, Sistemas de Informação, Engenharia de Produção etc.), que me encontrei também na posição de orientadora. Tive o privilégio de orientar e tornar mestres uma professora, um pastor, uma bailarina e uma secretária. Foi um grande e desafiador privilégio, que exigiu a elaboração de diferentes estratégias para construir uma articulação consequente entre o lugar de formação de cada mestrando com o mundo da pesquisa nas ciências da linguagem. Na graduação, a oportunidade de orientar alunos também foi, sob outros aspectos, desafiadora, produzindo a necessidade de saber o que eles estavam estudando em seus cursos para realizar articulações entre as ciências da linguagem e suas áreas de formação.

Em meio a um conjunto de atividades no PPGCL da Univás, precisei construir um lugar de pesquisa em campos de interesse que foram além da história das ideias linguísticas sem, no entanto, deixar de manter relações com essa área. A construção desse lugar teve início quando fui convidada para trabalhar na Univás e não conhecia Pouso Alegre. Pesquisando na internet, me deparei com um artigo da Wikipédia que trazia uma série de *coisas-a-saber* (PÊCHEUX, 1983) sobre Pouso Alegre, com uma insistência na quantidade de edifícios que a cidade tinha. E encontrei também um artigo sobre Pouso

Alegre na Desciclopédia, que se dedicava insistentemente a falar dos buracos da cidade. Isso me levou à produção de pesquisas voltadas à constituição de saberes (mesmos e diferentes) sobre o sujeito, o espaço e a língua no digital, a partir de projetos vinculados à linha de pesquisa Linguagem, Conhecimento e suas Tecnologias do PPGCL⁷. Com isso, busquei estudar as injunções, tensões e contradições construídas em diferentes espaços institucionais (internet, escola, rua...) de produção e circulação de saberes diversos.

Esses trabalhos resultaram de indagações antigas, de meus novos projetos de então e também de inquietações de meus alunos e orientandos de graduação e de pós. Na Univás, a oportunidade de trabalhar com alunos vindos de áreas diversas fez com que eu precisasse insistir no papel fundador da linguagem em relação à produção de conhecimento e de tecnologias⁸. E isso foi feito a partir de minha formação como pesquisadora em história das ideias linguísticas. Assim, a partir da atuação em um mestrado, que se transformou em um programa de pós-graduação, da atuação na graduação, e da necessidade, produzida institucionalmente, de me enveredar em pesquisas diferentes, com alunos de áreas diferentes, num investimento em conjunto com vários colegas, em meio a dificuldades e alegrias, pude construir novas relações com o conhecimento, mais maduras, tanto no ensino como na pesquisa.

Minha história de sentimento de aventura diante e dentro da linguagem, iniciada com minhas curiosidades infantis sobre o mundo, sobre as palavras e sobre a existência de tantas línguas, de tantas histórias, encontrou espaço para ser explorada no IEL, no decorrer de dez anos de uma formação inestimável. E continuou, com uma experiência ímpar, construída nos meus cinco anos de atividades de docência e pesquisa na Univás. Mas ela não parou por aí...

O CONCURSO

*E os zóio se enche d'água
que até a vista se atrapaia, ai ai.*

(Canção de autoria anônima, ampliada e interpretada por diversos cantores e grupos musicais)

Meu desejo de atuar como professora na área de história das ideias linguísticas no IEL da Unicamp foi construído ao longo de uma trajetória particular diante da linguagem e se projetou com uma perspectiva de novas aventuras a traçar, com forte entusiasmo.

Quando o edital do concurso docente para a área saiu, em 2015, propus empreender essas aventuras com um projeto dedicado a uma história das ideias entre a (des-)construção e a (re-)invenção dos saberes linguísticos, e com a oportunidade de formar bacharéis, licenciados, mestres e doutores, tanto a partir do projeto, quanto a partir do amplo leque de possibilidades de investigação que a área de história das ideias linguísticas oferece.

Escrever o projeto não foi fácil. Mas, mais difícil foi projetar o sentido da responsabilidade de adquirir um domínio consistente sobre os diversos temas de pesquisas da área. Lendo o edital, constatei que havia muito o que estudar. Planejei então dedicar ao estudo o tempo das férias de janeiro de 2016 somado a um mês de licença não remunerada em fevereiro.

Janeiro chegou e os estudos começaram. Fui organizando e preparando roteiros de reflexão para cada um dos temas do programa no edital do concurso: O Programa História das Ideias Linguísticas no Brasil e sua perspectiva teórica; Gramática e

⁷ Cf. Ferreira (2012, 2013b) e Ferreira e Faria (2016).

⁸ Cf. Ferreira (2015).

dicionários como instrumentos linguísticos; A HIL e os estudos da enunciação e do discurso no Brasil; Os estudos da linguagem: da Antiguidade a aparecimento da Linguística; O surgimento da tradição ocidental. A invenção da escrita e da gramática; A revolução tecnológica da gramatização no Renascimento; Uma história da linguística: da gramática comparada aos dias de hoje; O naturalismo e as leis fonéticas; O nascimento da semântica; Relações entre língua, Estado e conhecimento linguístico; O Estado moderno e a língua oficial; A produção de conhecimento sobre as línguas e a constituição da nacionalidade; A gramatização brasileira no século XIX e a questão da língua nacional; Gramáticas brasileiras dos anos 1880: princípio de uma história brasileira da gramática; A autoria brasileira de gramáticas e a constituição da língua nacional; A especificidade do léxico brasileiro e o dicionário no Brasil; As partes do discurso (classes de palavra) nas gramáticas brasileiras; Levantamento de gramáticas; As classes de palavra: fichamento das gramáticas; e Discussão sobre a história desta questão nas gramáticas: critérios de classificação, mudanças de classificação.

Durante o tempo de estudo, foquei mais nos temas ligados às produções empreendidas por pesquisadores brasileiros no âmbito do Programa HIL. Foi um desafio e tanto. Ler, fichar, escrever, roteirizar. Quando eu não aguentava mais ler, fichar, escrever e preparar roteiros, saía para caminhar. Naquela época, morava em São Paulo e não faltavam trajetos para andar por longos quilômetros. Às vezes ia a pé até a Avenida Paulista, ou então até o Parque Ibirapuera ou o Largo da Batata. Outras vezes ficava batendo perna pelas ruas movimentadas do meu bairro e cheguei até mesmo a transitar pelas tristes e desertas ruas dos Jardins. E acabei criando uma trilha sonora do concurso, que escutava constantemente para recarregar as energias. Uma das canções preferidas era *Cuitelinho*, na versão de Pena Branca e Xavantinho, porque sua letra/língua, de tanto que me tocava, entrou como objeto de análise no meu projeto do concurso. *Caçada*, de Chico Buarque, era outra canção que eu ouvia muito.

Quando as provas começaram, em abril de 2016, *Caçada* vinha à mente o tempo todo. No primeiro dia do concurso, para a prova escrita, fui *armada de dentes e coragem*. Mas levei também uma mala repleta de livros, junto com roteiros preparados cuidadosamente para cada um dos pontos do programa. Quando saiu o ponto sorteado, quase não precisei mexer naquela papelada toda. É para escrever sobre *a gramatização brasileira?* Consigo até de trás para frente. Escrevi, sem parar, inteiramente confiante e segura. Saí da prova feliz e empolgada. *Caçadora*.

No dia seguinte, quando do sorteio da prova didática, saiu o ponto novo que havia sido criado em substituição ao ponto da prova escrita: Os colégios e a escolarização do português no Brasil. *Mas por que foi cair justamente o ponto novo?* Saí desorientada. Não que eu não soubesse do tema, mas é que eu não tinha nada pré-preparado e precisaria começar “do zero”. Mergulhei na minha mala de livros para organizar um bom roteiro de aula, e, por volta das quatro da manhã, concluí o óbvio: por mais ou por menos que a gente se prepare, há contingências e tudo pode acontecer num concurso. No dia seguinte, antes do início da prova didática, estava exausta e desejei apenas duas coisas: não passar mal na hora e ministrar a aula da melhor maneira que eu pudesse. Consegui, mas meu sentimento era o de que a minha atuação não tinha sido, nem de perto, aquela que eu sonhava. De todo modo, foi uma aula correta, satisfatória e talvez com um ponto alto no final. *Caça*.

Depois, nas demais arguições, achei que me saí muito melhor. No final das contas, sonhadas e realizadas, a dúvida: *Caçadora? Caça?* Na longa espera pelo resultado do concurso, essas perguntas bobas, aparentemente objetivas, foram se tornando cada vez mais opacas. *Ana Cláudia: Hoje é o dia da caça E da caçadora! Sim,*

porque a resposta a uma pergunta como essa não é nunca uma, ainda que o primeiro lugar deva ser apenas um.

Só à noitinha é que saiu o resultado do concurso. Durante todo o tempo em que ia cumprimentando as pessoas, meio anestesiada, eu pensava na minha mãe. Depois que consegui ir embora, parei no estacionamento da Biblioteca Antonio Candido e finalmente telefonei para ela. Até aquele momento, o esgotamento com as provas parecia ter extraído todas as minhas energias para qualquer arroubo de emoção. E foi com uma voz cansada e miudinha que a filha conseguiu avisar a mãe: *Bé, passei...* Do lado de lá do telefone, ela, meu pai e meu irmão choravam alto de alegria e de alívio. No fundo, *meu coração continuava aflito e então os zóio se encheram d'água...*

A DATA

*Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há
Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho*

(Dona Ivone Lara, em *Alguém me avisou*)

Durante o período de espera para a minha contratação na Unicamp, soube que eu poderia tomar posse em até trinta dias após a publicação da nomeação no Diário Oficial do Estado de São Paulo. Como sou uma bobona incorrigível, fiz aqui as minhas contas e passei a nutrir a expectativa de que a nomeação pudesse ser publicada em meados de setembro e outubro, possibilitando que a tomada da posse acontecesse na data do meu aniversário. É que o meu aniversário cai no mesmo dia da data comemorativa do aniversário da Unicamp, 5 de outubro de 1966, e da promulgação da nossa Constituição Cidadã, 5 de outubro de 1988. Um mero número no calendário se transformaria numa linda coincidência. Seria um (re)encontro, uma data-acontecimento da minha nova vida, um presente de aniversário para todo o sempre. *Será que coincidiria?*

Coincidiu. Li e reli infinitas vezes as palavras protocolares do Diário Oficial do Estado de São Paulo que anunciaram minha nomeação. Um ritual performativo-poético composto de um conjunto de letras que continham o meu nome ao lado do nome da disciplina concursável que é a minha área de formação, de caminhos de conhecimento e de afeição. Aquele documento me tornava a primeira docente concursada da área de História das Ideias Linguísticas do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Aí me veio outra lembrança retrospectiva e, junto a ela, uma imaginação prospectiva: *Em 1999, fui aluna da maravilhosa Suzy Lagazzi na disciplina de História das Ideias Linguísticas e agora serei eu a oferecer essa disciplina!* Uma responsabilidade imensa. Um novo desafio pela frente, bastante intimidador, mas também muito empolgante.

RECOMEÇOS: A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DO SABER

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar)

não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa o seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

(Sylvain Auroux, em *A revolução tecnológica da gramatização*)

Ter tomado posse como docente do Departamento de Linguística foi um novo começo no IEL/Unicamp, com novos encontros, muitos desencontros, mas também com diferentes e lindos reencontros. De lá para cá, pude realizar atividades que envolvem ensino, pesquisa, extensão, atividades externas e/ou supra-institucionais, administrativas e técnicas.

Para o desenvolvimento do meu projeto docente junto a pesquisadores e estudantes interessados, idealizei e criei, em 2017, o Projeto coletivo *O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas do Brasil – CoLHIBri*. Em 2018, criei, em parceria com a profa. Carolina Fedatto, o Grupo de Pesquisa no CNPq – *O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas*, que ficou articulado ao Projeto CoLHIBri, e que, atualmente, tem como vice-líder, a profa. Juciele Dias. A proposta era pensar o cotidiano na história das ideias linguísticas em seus diversos funcionamentos, a partir de três linhas de trabalho: a) uma linha dedicada a estudar o cotidiano como uma noção, ligada a outras, como *ordinário, comum* etc. e que comparece formulada, explicitamente ou não, no processo de produção do conhecimento científico sobre a linguagem, a língua e as línguas; b) uma linha voltada sobre a *constituição, a formulação e a circulação*⁹ de diferentes saberes linguísticos, não necessariamente científicos, no cotidiano brasileiro, considerando as inter-relações, tensões e contradições entre os saberes linguísticos “oficiais” da linguística, da gramática, da imprensa etc. e os mais diferentes *saberes linguísticos cotidianos*; e c) uma linha voltada ao ensino e à produção de conhecimento sobre a linguagem em diferentes condições de produção, tendo em vista diversas formas de transmissão/circulação dos saberes produzidos nos espaços cotidianos.

Ao longo desse percurso, venho ampliando as frentes de pesquisa a partir dessas linhas de trabalho do CoLHIBri, articuladas tanto à graduação – pelos temas das três disciplinas da área de História das Ideias Linguísticas: História das Ideias Linguísticas, Introdução às Ciências da Linguagem, e Políticas Linguísticas –, quanto à pós-graduação – pela subárea de História das Ideias Linguísticas e suas duas linhas: Constituição das Teorias e Métodos Linguísticos, e Saberes Linguísticos, Tecnologias e Práticas Cotidianas.

Busquei organizar o desenvolvimento de meus trabalhos em uma espécie de pentalogia, que foi delineada pelos seguintes temas: 1) Ler, (d)escrever e interpretar os artefatos¹⁰; 2) O cotidiano na história das ideias linguísticas¹¹; 3) Saberes linguísticos cotidianos¹²; 4) As mil e uma políticas linguísticas ordinárias; e 5) (Des-)instrumentos linguísticos. Os três primeiros temas da pentalogia já foram apresentados e publicados, enquanto os dois últimos vêm sendo apresentados e discutidos em diferentes eventos e publicações.

É preciso sublinhar a importância que a responsabilidade pelo oferecimento da disciplina HL913 – Políticas Linguísticas teve na organização dessa pentalogia. Ministrar as aulas dessa disciplina era estar diante de uma importante demanda para estudar as políticas linguísticas de uma maneira mais administrativa. Mas alguns aspectos dessa demanda contrastavam de certo modo com a bagagem de leituras que tive ao longo de

⁹ Cf. Orlandi (2001).

¹⁰ Cf. Ferreira (2020b).

¹¹ Cf. Ferreira (2020c).

¹² Cf. Ferreira (2020d).

minha formação e atuação, entre a história das ideias linguísticas, a análise de discurso da semântica da enunciação. Isso porque, para esses domínios do conhecimento é fundamental começar a falar de política considerando que *o político está inscrito na língua*¹³ e que as histórias de sentidos afetam toda e qualquer política de língua¹⁴. Os objetivos do projeto CoLHIBri aliados às demandas sobre as políticas linguísticas na disciplina contribuíram fortemente para eu pudesse desenvolver as minhas reflexões considerando a historicidade das políticas linguísticas e propor a noção de *políticas linguísticas ordinárias*.

Essa noção vem sendo mobilizada produtivamente em diversos trabalhos. Um deles, desenvolvido em coautoria com M. Faria¹⁵, é dedicado à questão da pronominalização do *a gente* na obra de Said Ali na história da língua e da gramatização brasileira. Nesse trabalho, percorremos os modos pelos quais sujeito e língua vão sendo significados/divididos nas elaborações e reelaborações de Said Ali sobre o funcionamento do pronome *a gente*, ao mesmo tempo em que acompanhamos as maneiras pelas quais, em suas diferentes publicações, o autor vai lidando com o problema da indeterminação e da determinação desse pronome. Ao final, articulamos nossas análises sobre a produção de Said Ali às conjunturas históricas do funcionamento pronominal do *a gente* no espaço brasileiro e à produção de um saber sobre esse funcionamento, tendo em vista as tensões entre dominação e resistência que constituem nossa história de colonização e de descolonização. Foi possível compreender, com esse trabalho, o *acontecimento discursivo*¹⁶ que levou ao gesto político de poder dizer *a gente* no espaço brasileiro enquanto *uma política linguística ordinária* que foi sendo constituída ao longo de séculos.

A partir de uma temática semelhante, pude me dedicar a refletir, juntamente com L. Nogueira, sobre um tensionamento entre *prescrição* e *descrição* em gramáticas brasileiras produzidas a partir do século XIX. Essas reflexões se fizeram sobre os preceitos da *Grammatica Portugueza* de Júlio Ribeiro (1881) que tratavam da questão da colocação dos pronomes, questão esta que se colocava de maneira imperiosa naquele momento, enquanto *algo a saber* sobre a língua do/no Brasil¹⁷.

Passando à questão do cotidiano voltada para o ensino, pude, ao lado de J. Dias, examinar um processo de disciplinarização do cotidiano na BNCC a partir do campo de atuação intitulado de *campo da vida cotidiana*. Em nossas análises, mostramos como o efeito de unidade da língua portuguesa no texto da BNCC, funcionando a partir de uma política de ensino de leitura e escrita classificatória do português, acaba por invisibilizar os movimentos das línguas, do saber e da vida cotidiana. No entanto, também observamos que *políticas linguísticas ordinárias* podem ser produzidas em desvio pelo fato de que sempre há outras maneiras de ler e escrever¹⁸.

Outro percurso de reflexão na história das ideias linguísticas, sobre o qual tenho muito interesse desde o início de minha formação, teve continuidade por ocasião do Simpósio *Le discours et ses modes d'historicisation : entre le politique et le disciplinaire*, organizado por Amanda Scherer, Vanise Medeiros, Verli Petri e Cristiane Dias na *14th International Conference on the History of the Language Sciences – ICHoLS XIV*¹⁹. Pude participar do simpósio na ICHoLS apresentando um recenseamento não exaustivo e uma

¹³ De acordo com Eni Orlandi (1988, p. 7), “Falar é, em si, uma prática política”.

¹⁴ Conforme Mariani (2004), em suas reflexões sobre as *políticas de sentidos das línguas*.

¹⁵ Cf. Ferreira e Faria (2022).

¹⁶ Cf. Pêcheux ([1983] 2008).

¹⁷ Cf. Ferreira e Nogueira (2016).

¹⁸ Cf. Ferreira e Dias (2021).

¹⁹ Evento realizado em Paris pelo Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques e pela Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage, com o apoio da Université Paris Diderot, da Université Paris Sorbonne Nouvelle, do CNRS e do EFL LabEx.

análise de conjunto do grande número de trabalhos que vinham sendo produzidos em história das ideias linguísticas no/do Brasil, numa forte articulação com a análise de discurso (e lembrando também a relação com outras áreas, com destaque para a semântica da enunciação)²⁰.

Ao lado desses caminhos de pesquisa, também me voltei para o funcionamento da palavra *conteúdo* na história das ideias e mais especialmente na história das ideias linguísticas. Partindo da afirmação teórica de que *o saber não é conteúdo*, quis mostrar como, em nossa formação social capitalista, embora qualquer saber seja passível de ser conteudizado, nada garante que ele funcione ou signifique apenas como conteúdo, pois o saber conteudizado pode sempre se tornar outro, uma vez que ele é, antes de tudo, interpretação, linguagem²¹.

Paralelamente, há outros trabalhos ainda não publicados que pude desenvolver e apresentar em eventos científicos. Num deles, exploro nossa obsessão pelos arquivos junto aos processos de construção, destruição e reconstrução de diferentes instituições do saber na história. Exploração que comecei a fazer ao recordar das narrativas de Carl Sagan, em sua série *Cosmos*, sobre a glória e a destruição da Biblioteca de Alexandria. De recordações em recordações, passei pela Biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges e pelos nossos arquivos e bibliotecas brasileiros – Museu Nacional, Estação da Luz, Biblioteca Antonio Candido... – construídos, destruídos e reconstruídos, em meio a glórias e incêndios, e concluindo que precisamos trabalhar para que essas instituições *façam sentido e sejam experienciadas* – nos termos de Eni Orlandi (2008), enquanto *experiências discursivas, vivências de sentido* – não apenas por aqueles que se consideram detentores do saber (qual, quais?), mas pela sociedade como um todo. Essas reflexões foram apresentadas na *I Semana Discurso e Arquivo*, realizada no IEL/Unicamp em 2018, e no *II Simpósio Conhecimento, história e língua*, realizado na UNIR, no campus de Guajará-Mirim, em 2019²².

Em outro trabalho, realizado ao lado de C. Rodriguez, estudamos as relações entre imagem, língua e tecnologias de linguagem, tendo em vista os impactos e efeitos sociais do que Michel de Certeau (1980) designa como uma *economia escriturística*. Esses estudos foram apresentados no GT de Análise do Discurso do XXXV Encontro Nacional da Anpoll, realizado em 2020 pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e pela Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste²³.

Em meus trajetos de reflexão, venho sempre buscando ampliar diálogos com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Mais recentemente, procurando retomar as sempre vibrantes discussões teóricas empreendidas com Mara Gluzman (que começaram em 2008, quando nos conhecemos, no meio do VI Encontro Internacional Saber Urbano e Linguagem, do Labeurb/Unicamp), pude organizar um encontro entre os nossos grupos de pesquisa a partir do tema *Línguas, arquivos, saberes e práticas cotidianas*. O evento foi realizado em 2022 no IEL/Unicamp de maneira presencial e na UNAHUR (Argentina) de maneira remota, e contou com o apoio Capes-Proex e Capes-PrInt.

Atualmente, uma necessidade de propor uma nova etapa de pesquisas para o Programa CoLHIBri vem se impondo a partir do tema da *construção cotidiana do saber*. A inspiração para essa nova etapa de pesquisa adveio de uma vontade de elaboração discursiva da questão do cotidiano relativamente ao conhecimento, tal como colocada por S. Auroux (1992), e pela articulação com as noções de *constituição, formulação* e

²⁰ Uma versão maior deste trabalho foi publicada posteriormente em Ferreira (2018a).

²¹ Cf. Ferreira (2022).

²² Cf. Ferreira (2018b) e Ferreira (2019).

²³ Cf. Ferreira e Rodríguez (2020).

circulação, formuladas por Eni Orlandi (2001) para pensar os processos de produção do discurso. Na construção cotidiana do saber, ao longo desses e de outros percursos de trabalho que venho desenvolvendo sob uma perspectiva discursiva da história das ideias linguísticas, a materialidade da língua é a base para a análise dos processos discursivos que presidem os processos de constituição, divisão e hierarquização dos saberes na história. É a partir dessa perspectiva que venho procurando compreender muitas das inquietações que me levaram a longas viagens pelos saberes, pela história, pela linguagem, buscando construir para elas um lugar na história das ideias linguísticas do/no Brasil. Este tem sido o desafio que coloco para mim, diariamente, como linguista, no Departamento de Linguística do IEL/Unicamp.

ENTRE TRAZER DE VOLTA O QUE DESAPARECEU E FAZER VER O QUE AINDA NÃO EXISTE, MAIS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu.

(Émile Benveniste, em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da Linguística*)

Há muito tempo atrás, antes de minha formação universitária, *eu sabia*, de algum modo – obviamente não pelas palavras que escrevo agora –, que a *escola da vida* designava saberes importantes que produzimos *fora da escola*, ao mesmo tempo em que também designava uma *falta de saber*: o saber legitimado, disciplinarizado, que tem sua credibilidade conferida, definida e regulada pelas instituições e pelo Estado.

Depois de muitos tempos, de muitas histórias e de muitos caminhos, muito do que, pela designação *escola da vida*, *eu sabia o que era, mas não sabia que sabia*, retornou, de alguma maneira, sobre quem sou hoje, sobre *o que sei e o que não sei*.

A questão da relação/divisão dos saberes, dos sentidos, dos espaços, dos tempos, dos sujeitos e das línguas, em meu percurso particular, ganhou algumas formas de visibilidade e existência com minhas pesquisas acadêmicas, permitindo que uma inquietação se transformasse em outras. Nessas *aventuras diante e dentro da linguagem*, pude, então, de algum modo, *fazer ver o que, na escola da vida, ainda não existia*.

Aventuras que trouxeram de volta o que desapareceu, tornando-o *algo a saber*. Sempre há *algo a saber*, que vai sendo construído, cotidianamente, pelo *poder fundador da linguagem*. Em meus caminhos, sempre havia/há *algo a saber*: desde pequenas curiosidades infantis e sonhos adolescentes, passando por uma formação nos estudos da linguagem, e chegando em percursos atuais, na história das ideias linguísticas, com novos horizontes a explorar, diante e dentro da incompletude da linguagem, que é o ponto de partida para compreender a incompletude da língua, do sujeito, do sentido – e da história.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Pontes, 1992.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1991, 3ed.

DE CERTEAU, Michel. (1980) *L'invention du quotidien. Arts de faire*. Nouvelle édition, établie et présentée par Luce Giard. Paris: Éditions Gallimard, 1990 (Impresso na Itália em 2019).

- DUCROT, Oswald. *Les Échelles Argumentatives. La Preuve et le Dire*. Paris: Mame, 1973.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O saber não é conteúdo. In: Élcio Aloisio Fragoso; Juciele Pereira Dias (Orgs.) *Língua, Conhecimento e História*. Porto Velho: Edufro, p. 80-100, 2022. DOI: 10.47209/978-65-87539-70-6.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Uma história da linguística. Entre os nomes dos estudos da linguagem*. Campinas: Pontes, 2020a. 2ed.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Ler, (d)escrever e interpretar os artefatos. In: Cristiane Dias; Greciely Costa; Marcos Barbai (Orgs.) *Artefatos de leitura*. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, p. 83-102, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.20396/ISBN9786587175140>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O cotidiano na história das ideias linguísticas. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: Labeurb/Unicamp, v. 23, n. 46, p. 4-30, 2020c. DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v23i46.8661675>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Saberes linguísticos cotidianos. *Revista Porto das Letras*. Número especial. *História das Ideias Linguísticas*. Porto Nacional: UFT, v. 6, n. 5, p. 324-351, 2020d.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Construção, destruição e reconstrução de arquivos. *II Simpósio Conhecimento, História e Língua – SimCHEL*. Guajará-Mirim: UNIR, campus Guajará-Mirim, 2019.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. A análise de discurso e a constituição de uma história das ideias linguísticas do Brasil. *Fragmentum* (online). Número especial. *História da Ciência da Linguagem, das Teorias Linguísticas, da construção do conhecimento sobre a(s) língua(s)*. Santa Maria: UFSM, p. 17-47, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179219436580>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. História e memória em movimento: construção, destruição e reconstrução de arquivos, *I Semana Discurso e Arquivo*. IEL/Unicamp, 2018b.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O papel e o poder fundador da linguagem na reflexão sobre conhecimento e tecnologia. *Entremeios: revista de estudos do discurso*. Pouso Alegre: PPGCL/Univás, v. 11, jul-dez, p. 75-98, 2015.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Uma história da linguística. Entre os nomes dos estudos da linguagem*. Campinas: RG, 2013a.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Discursos sobre cidades na enciclopédia “tradicional”, na Wikipédia e na Desciclopédia: percursos de sujeitos, saberes e línguas. In: Cristiane Dias (Org.). *Formas de mobilidade no espaço urbano: sentido e materialidade digital*, v. 2. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, p. 20-46. 2013b.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. As coisas-a-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos. *Rua*. Campinas: Labeurb/Unicamp, n. 18, v. 2, p. 35-58, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v18i2.8638284>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *A linguística entre os nomes da linguagem: uma reflexão na história das ideias linguísticas no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2009.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; FARIA, Michel Marques. Said Ali e a gente na história da língua e da gramatização brasileira. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Dossiê Said Ali na história das ideias linguísticas no/do Brasil. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, v. 25, n. 49, p. 246-281, 2022. DOI: <https://10.20396/lil.v25i49.8669272>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; ROGRÍGUEZ, Carolina. Relações entre Imagem, língua e tecnologias de linguagem: impactos e efeitos sociais de uma economia escriturística. XXXV *Encontro Nacional da Anpoll*, 2020.

- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; DIAS, Juciele. Sentidos da denominação *Campo da vida cotidiana* na BNCC: a política de uma língua. *Linguagem & Ensino. Produção do conhecimento, políticas linguísticas e ensino de línguas: contribuições da Análise do Discurso*. Pelotas: UFPEL, v. 24, p. 603-624, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v24i3.20058>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; NOGUEIRA, Luciana. A colocação dos pronomes na *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: RG, n. 38, jul-dez, 2016.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes; FARIA, Joelma Pereira de. Dialetos/Línguas do Brasil na Desciclopédia. *Rua*. Campinas: Labeurb/Unicamp, v. 22, n. 2, p. 593-613, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v22i2.8647951>.
- MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni. “Educação em direitos humanos: um discurso”. In: Rosa Maria Godoy Silveira e outros. (Org.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, p. 295-311, 2008.
- ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. Confronto pela linguagem. In: Eni Orlandi (Org.) *Política Linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.
- PÊCHEUX, Michel (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002, 3ed.
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1881.
- SAGAN, Carl. *Cosmos*. Série de TV produzida Carl Sagan e Ann Druyan, pela KCET e Carl Sagan Productions, em associação com a BBC e a Polytel International, veiculada na PBS, 1980.
- VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico. Contribuição para uma Semântica Argumentativa*. Tese de Doutorado. Paris, Campinas: IFCH – Unicamp, 1974.

Recebido: 18/5/2023
Aceito: 30/10/2023
Publicado: 13/11/2023